

**Fundação Estadual de Proteção Ambiental
Henrique Luiz Roessler - FEPAM**

RETRATOS E PAISAGENS

**Quadro sócio-cultural das populações que ocupam a região
do Litoral Norte do Rio Grande do Sul**

Relatório Final

Consultora: Dra. Lúcia Helena Alves Muller



Porto Alegre, março de 2002

“O meio natural nunca é uma variável completamente independente do homem, nem um fator constante. É uma realidade que o homem transforma mais ou menos por suas diversas formas de agir sobre a natureza, de se apropriar de seus recursos.” (Godelier, 1984)

Sumário

1. Introdução	1
2. Metodologia	2
2.1. Universo da pesquisa	2
2.2. Abordagem antropológica e técnicas de pesquisa etnográfica	3
3. Perfis sócio-culturais	5
3.1. Uma casa de veraneio (família de veranistas)	5
3.2. Uma trabalhadora urbana (empregada doméstica)	8
3.3. Localização privilegiada (empreendimento imobiliário)	9
3.4. Viver da natureza (explorador de pedreira)	11
3.5. Natureza como projeto de vida (grupos ecológicos)	14
3.6. Natureza como alternativa de lazer (campistas e freqüentadores de hotéis-fazenda)	16
3.7. A terra e os homens (pequenos proprietários rurais)	19
3.8. Medicina natural (ação sócio-educativa alternativa)	22
3.9. Pescar para viver, pescar por lazer (pescadores)	25
3.10. Somos todos iguais dentro da água (surfistas)	27
4. Análise	30
4.1. Configurações	35
4.1.1. O meio-ambiente como fonte de lazer	35
4.1.2. O meio-ambiente como condição de vida	39
4.1.3. O meio-ambiente como fonte de riquezas	44
4.2. A visão ecológica	47
5. Conclusão	51
Bibliografia	52
Anexo fotográfico	54

1. INTRODUÇÃO

O conteúdo desse trabalho é o resultado de uma pesquisa antropológica que teve como objetivo a elaboração de um quadro sócio cultural das populações do Litoral Norte do Rio Grande do Sul que desse conta da diversidade de representações e valores culturais que orientam as relações que essas populações estabelecem com o meio-ambiente, servindo de subsídio para o processo de construção de instrumentos para o gerenciamento ambiental do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e o processo de implementação do Sistema Estadual de Recursos Hídricos dessa região, os quais pressupõem a participação e o comprometimento dos diferentes setores da sociedade.

A pesquisa antropológica consiste menos em levantar dados sistemáticos sobre os diferentes aspectos da vida destas populações, do que mostrar a maneira particular que elas têm de se relacionar entre si e com o mundo e através da qual transparecem suas especificidades.

Nosso propósito consistiu em analisar as diferentes formas que os indivíduos têm de se relacionar e perceber uns aos outros, a partir das relações reais que possibilitam perceber o meio-ambiente de forma coerente e sistemática. As populações revelam-nos, através de suas representações, o conjunto de ações empregadas para definir sua existência na sociedade. A natureza e a cultura, o individual e o social refletem uma ordem dada constituída pela maneira pela qual os seres humanos modelam, adaptando e transformando, sua realidade social.

2. METODOLOGIA

“Para os etnólogos, trata-se, não somente de inventariar os componentes e elementos do meio natural, mas igualmente de analisar a utilização que as sociedades fazem e a percepção que elas têm do meio natural, em relação ao que elas são. ” (Bonte, 1991)

O presente trabalho baseia-se na concepção de que as percepções do meio-ambiente não derivam única e exclusivamente da realidade física do espaço geográfico onde vivem as pessoas, e sim, de construções simbólicas coletivamente compartilhadas, que são definidas nas relações que as pessoas estabelecem entre si e com o espaço, ou seja, de uma territorialidade construída. (Mesquita, 1995)

Como veremos a seguir, essa concepção definiu o tipo de abordagem utilizada na realização dessa pesquisa antropológica, e orientou a definição do universo a ser estudado, bem como a metodologia e as técnicas empregadas no levantamento de dados.

2.1. Universo da pesquisa

No que diz respeito à abrangência geográfica, o trabalho de campo contemplou uma diversidade de regiões, no intento de obter uma representatividade em termos de zona costeira (praia/lagoas) e interior. Seguindo esse critério, o levantamento de dados foi realizado nos seguintes eixos geográficos:

1. Tramandaí/Osório/Santo Antônio da Patrulha
2. Capão da Canoa/Maquiné
3. Torres/Morrinhos do Sul
4. Cidreira/Pinhal (zona de produção agrícola)

No entanto, para identificar e compreender as diferentes concepções que uma determinada população possui do meio-ambiente, é necessário considerar, não somente a sua distribuição no espaço geográfico, mas, principalmente, as dimensões que definem as formas com que ela se relaciona com esse espaço. Sendo assim, para definir os grupos sociais que seriam alvo dessa pesquisa, foram eleitas as dimensões relacionadas com diferentes formas de utilização do espaço (atividades econômicas e de lazer), bem como as identidades coletivas (definidas a partir do desempenho de atividades profissionais ou por vínculos a grupos ou propostas de atuação relativas ao meio-ambiente). Com base nessas dimensões, foram definidos como alvo da pesquisa de campo os seguintes grupos sociais:

1. Pescadores
2. Agricultores
3. Mineradores
4. Veranistas
5. Ecologistas
6. Investidores Imobiliários

2.2. Abordagem antropológica e técnicas de pesquisa etnográfica

A pesquisa de campo visava obter dados que oferecessem uma visão global das representações e valores dos habitantes da região. Sendo assim, nos contatos realizados, os pesquisadores buscaram primeiramente obter um quadro muito amplo das características sócio-culturais dos indivíduos ou grupos pesquisados.

A abordagem dos indivíduos entrevistados foi realizada de maneira totalmente informal e não diretiva. Os pesquisadores faziam o primeiro contato através de uma demonstração de curiosidade em relação ao lugar, à paisagem ou à atividade ali exercida, e deixavam que os próprios entrevistados definissem o tipo

de relação que desejavam estabelecer, o teor e o grau de profundidade e o limite da conversa que se seguiria a partir de então.

A coleta de dados foi feita a partir de observações e de entrevistas totalmente abertas, durante as quais nunca foram colocadas questões que fizessem uma referência explícita à categoria “meio-ambiente”. Os pesquisadores aproveitavam os temas que iam sendo abordados espontaneamente pelas pessoas para seguir com o diálogo, evitando que ele se tornasse artificial ou assumisse o tom de um questionário ou entrevista formal.

Além das técnicas usuais do trabalho etnográfico (observação, entrevistas, histórias de vida) na realização da coleta dos dados dessa pesquisa, foi utilizada a fotografia, instrumento que mostrou-se extremamente útil no estabelecimento do contato e da troca com as populações estudadas, bem como no registro, análise e exposição dos dados coletados (ver acervo fotográfico em CD-Rom).

A partir desta abordagem metodológica e da análise dos dados recolhidos junto a representantes desses grupos, foram construídos os perfis sócio-culturais representativos das populações que ocupam a região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

3. PERFIS SÓCIO-CULTURAIS

3.1. Uma casa de veraneio (família de veranistas)

A casa dos Cardoso* foi construída pela família num amplo terreno de esquina, em cuja área livre foi plantado um gramado limpo, sem canteiros de flores, com seus limites demarcados por uma fileira de ciprestes.

Apesar das reformas e aumentos que sofreu ao longo dos anos, a casa mantém o estilo arquitetônico típico da época de sua construção (final da década de 50). Em seu interior os traços da história de sua ocupação podem ser encontrados nos móveis velhos, na geladeira, ainda em uso, que possui a idade da casa, nas fotos penduradas na parede que retratam a família reunida por ocasião do casamento de uma das filhas, na festa de bodas de ouro dos pais, etc.

É uma casa de alvenaria. Na frente, a tradicional varanda, onde uma rede está sempre pendurada esperando a hora da sesta. Da janela da sala, que tem o piso de lajotas e é mobiliada com móveis de madeira e palha, é possível acompanhar tudo o que se passa na rua, pois seu vão vai quase até o chão.

Da sala, passa-se para uma copa com uma mesa em torno da qual podem se acomodar pelo menos 10 pessoas. Pelo longo corredor, chega-se aos quartos (em número de cinco) e aos banheiros (dois). A casa ainda tem dependências completas para abrigar uma empregada doméstica, uma pequena cozinha e uma garagem que está munida de uma máquina de lavar roupas, cavaletes e tábuas para montar mesas, e uma grande churrasqueira.

Nos primeiros anos, as temporadas no litoral exigiam a realização de uma verdadeira mudança, pois a família ficava na praia durante os três meses de verão (apenas o pai voltava para a Capital para trabalhar). Nas viagens de ida, até

* Por motivos de ordem ética, todos os nomes de pessoas utilizados nesse trabalho são fictícios.

frangos vivos compunham a bagagem, visto que não havia muitas alternativas para a compra de mantimentos no balneário.

Os sete filhos do casal Cardoso cresceram freqüentando a praia, indo ao clube, passeando e namorando na praça, freqüentando a igreja aos domingos, visitando os amigos e os parentes que também têm casa na mesmo balneário (a família da irmã da mãe tem sua casa do outro lado da praça). Quando os mais velhos casaram, camas de casal e berços foram acrescentados ao mobiliário, e as novas famílias continuaram a participar dos veraneios, aproveitando a companhia dos pais/sogros, irmãos/cunhados e primos para organizar churrascos, jogos de vôlei, grandes festas de ano novo, e usufruir da divisão de tarefas tais como a de cuidar das crianças durante o banho de mar, na hora da sesta, ou do rodízio na hora da volta da praia com os filhos menores.

A ligação com a casa de praia da família não significa que ela é a única alternativa de veraneio. Pelo contrário, durante o verão, os filhos casados circulam entre ela e as casas dos sogros que ficam em outros balneários (Tramandaí, Torres). Entre os filhos e netos solteiros, a preferência recai sobre viagens ou em temporadas de praia em Santa Catarina.

Isso não impediu que sempre, em algum momento do verão, acontecesse uma passagem pela casa dos pais/avós, para visitá-los, encontrar com os irmãos/cunhados, sobrinhos e primos, ou para tomar fôlego antes de seguir em uma viagem de carro mais longa. Nem mesmo os filhos e netos que moram fora do estado fugiram à tradição de, volta e meia, passarem uma temporada na casa da família, no litoral do Rio Grande do Sul. É ali que eles reencontram os parentes, os amigos de infância e, muitas vezes, amigos que também moram fora do estado há muitos anos mas que, como eles, vêm marcar sua presença na casa de praia da família.

O patriarca dos Cardoso já morreu há alguns anos, e a mãe, já idosa, não tem ânimo para acompanhar o movimento da casa quando ela fica repleta de gente

(filhos, noras, genros, netos, namorados dos netos, amigos, etc.). Os filhos continuam a usufruir dela, repartindo entre si os dias da temporada de verão. Cada um ou dois dos irmãos têm direito a usá-la por algumas semanas durante as quais são considerados donos, responsáveis pela manutenção, podendo receber quem quiser como hóspede (inclusive os outros irmãos e seus familiares).

O movimento na casa continua intenso. Sempre tem alguém chegando para passar o feriado, organizar um churrasco de domingo, fazer uma pausa na viagem de volta de Santa Catarina. Nesse vai-e-vem, a maior atração é a própria casa, com seu gramado (ainda sem cerca, apesar do medo que as pessoas têm dos bandos de cachorros sem dono que vagam à noite pelas ruas do balneário), onde se pode colocar cadeiras para conversar sob o céu estrelado; com sua garagem, que nunca guarda os carros mas tem uma grande churrasqueira e uma porta que fica constantemente aberta para a rua; com sua sala devassada que permite que se acompanhe o movimento da rua e que se fale com o vendedor de abacaxis, sem se ter que levantar da poltrona.

Como atração, a casa também oferece o ritual do banho coletivo no chuveiro da rua, na volta da praia. Tem, ainda, a grande mesa da copa, onde sempre cabe mais um para compartilhar de longuíssimas refeições planejadas e preparadas pelo “gourmet” do dia, ou, se ninguém estiver inspirado, pela empregada doméstica que é contratada para atender o pessoal durante a temporada (ver perfil de uma trabalhadora urbana).

A relação com o espaço da praia propriamente dito tem uma importância muito pequena no cotidiano dessas pessoas. Excetuando algum neto adolescente que traz sua prancha de surf, a maioria não frequenta o mar com muito entusiasmo. Os matutinos vão até a praia dar uma caminhada no começo da manhã e, na maioria das vezes, não voltam mais lá no resto do dia. Os que ficaram acordados até mais tarde, vão para a praia perto do meio dia, sempre reclamando do sol quente mas sem levar guarda-sol. Em geral, dão apenas uma pequena

caminhada “saudável”, durante a qual aproveitam para ver se encontram algum conhecido. Depois, se a água não estiver muito fria, tomam um rápido banho de mar e sentam-se num quiosque, onde passam o resto do tempo conversando, olhando o movimento, bebendo cerveja ou caipirinha, comendo pastel ou milho verde, só para abrir o apetite, antes de voltar para casa para almoçar no meio da tarde.

Apesar de todo esse movimento, hoje em dia, a casa da família Cardoso se encontra numa situação de transição. Ela deveria ser vendida para que a mãe, que não a utiliza mais, receba a parcela que lhe cabe do patrimônio da família. Embora alguns dos filhos sejam candidatos à essa compra, eles não estão conseguindo colocar-se em acordo para decidir quem vai ficar com a propriedade. A falta de entendimento sobre quem vai deter o controle sobre patrimônio que, até então, era sentido e vivido como coletivo, fez emergir um conflito entre os irmãos, que está provocando o afastamento daqueles que, até pouco tempo, dividiam o espaço da casa com relativa harmonia.

Não faltam alternativas para as férias de verão para nenhum dos membros dessa família. Além disso, nenhum deles teme ou lamenta a possibilidade de perder a relação com esse parte do litoral (o mar, a praia), ou mesmo com o balneário, pelo qual não têm nenhuma predileção. Ao que tudo indica, o que todos temem e querem evitar é a perda do ambiente que sempre significou e ainda representa uma referência afetiva, o lugar da memória da família e da celebração, até então anualmente repetida, dos laços familiares.

3.2. Uma trabalhadora urbana (empregada doméstica)

Anita nasceu na cidade de Novo Hamburgo mas foi morar em Capão da Canoa porque seu marido, que era da Brigada Militar, foi transferido para lá, muitos anos atrás. O bairro em que ela mora fica à direita do acesso de entrada da cidade, bem longe da praia, lugar que Anita raramente frequenta.

Em Capão, Anita criou seus três filhos e, agora, ajuda a criar sua neta (filha de sua filha que ficou grávida com 14 anos). Seu marido está aposentado por problemas de saúde e ela precisa trabalhar para sustentar a casa.

Anita trabalha em casa como costureira, mas a grande oportunidade que tem para aumentar o orçamento familiar aparece somente durante os meses de verão, quando consegue arrumar algum trabalho como empregada doméstica em casas de veranistas. Anita cozinha, limpa a casa, lava roupa. Ela pode ser contatada através de seu telefone celular e vai até o local de trabalho de bicicleta.

Anita conta que sua filha parou de estudar quando ficou grávida. Virou mãe apenas. Seus outros dois filhos continuam a estudar, tentando melhorar de vida. O mais velho queria muito ser fuzileiro naval. Anita foi com ele até Porto Alegre para inscrevê-lo nessa carreira. Mas, infelizmente, o rapaz não foi aceito na Marinha porque, segundo lhe disseram, não tinha estatura suficiente. Muito frustrado, teve que voltar para Capão, onde trabalha, junto com o irmão, como operário da construção civil. Ainda bem que muitos edifícios estão sendo construídos na cidade, conclui Anita.

3.3. Localização privilegiada (empreendimento imobiliário)

Nos folhetos de divulgação o apelo é direto: “localização privilegiada – vista frontal para o mar”. Mas não é só isso: todos os apartamentos são de frente, têm água quente e gás central. Além disso, o prédio terá zelador permanente, dois elevadores, porteiro eletrônico, garagem fechada com controle remoto, sacadões com churrasqueira, entrada para tv a cabo, minuteiras automáticas nos corredores e o morador terá a quantidade de vagas na garagem pelas quais quiser e/ou puder pagar. Enfim, os apartamentos que estão sendo lançados no litoral possuem todos os requisitos que alguém que procura “qualidade de vida” e “estilo” pode exigir.

Os edifícios ainda estão em construção, mas já possuem a altura que terão quando prontos (13 andares) e os interessados, se quiserem, já podem subir e visitar o apartamento mobiliado. Nos apartamentos que chegam a ter uma área total de 180 m², percebe-se que tudo está preparado para que o vento, a maresia e a areia fiquem do lado de fora. Nas imensas sacadas fechadas com esquadrias de alumínio e vidro, a praia e o mar limitam-se a comparecer como paisagem.

Para quem quer comprar um apartamento desses, trata-se de um bom momento, pois eles estão sendo ofertados em profusão. Desde que o padrão de construção foi modificado no município, diversos arranha-céus começaram a ser construídos e muitos outros já estão sendo planejados. As incorporadoras são capazes de aceitar propostas de compra com valores abaixo do anunciado, tendo em vista o investimento imediato do dinheiro recebido em terrenos considerados promissores para futuros lançamentos imobiliários.

A fileira de edifícios fica em uma região ocupada por antigas casas de veraneio que, em grande parte, ainda mantêm o estilo arquitetônico tradicional do balneário. A parede de edifícios que domina o quarteirão em frente ao mar só não fecha totalmente o horizonte porque, no meio da quadra, uma casa, e somente uma, permaneceu. (provavelmente, pertence a uma família não quis abrir mão do patrimônio afetivo, ou não chegou a um acordo sobre como fazer o negócio) (ver perfil de uma casa de veraneio).

Além de verem sua casa espremida entre dois arranha-céus, os proprietários desse imóvel estão sofrendo uma desvalorização de seu patrimônio de proporção igual ou superior a dos ganhos financeiros que seus vizinhos obtiveram ao venderem seus terrenos para as empresas construtoras. Segundo o vendedor dos apartamentos, esses proprietários chegaram a ter um lucro de 600% do valor dos imóveis que possuíam.

As construtoras esperam valorizar ainda mais o seu investimento na medida em que a prefeitura “urbanizar” o terreno público que fica em frente aos prédios que estão sendo construídos. A expectativa é a de que a rua seja duplicada, transformando-se em uma avenida; que a faixa de areia que separa a rua da praia propriamente dita seja ajardinada e equipada com canchas de jogos, infraestrutura de lazer e de consumo, como já aconteceu em outros locais do município.

As construtoras também esperam que a prefeitura incremente os sistemas de esgoto para dar conta do aumento de volume que os novos prédios vão produzir. Como isso ainda não aconteceu, afirmam estar instalando sistemas próprios que visam diminuir o impacto dos efluentes de seus prédios sobre o sistema existente na cidade. A mesma coisa é dita sobre os equipamentos de salvamento em caso de incêndio, já que os equipamentos de que o município dispõe não são adequados para atender uma emergência em prédios do porte dos que estão sendo construídos.

Depois das mansões, dos condomínios fechados, resorts com serviços exclusivos, o que o mercado imobiliário mais oferece agora são apartamentos de luxo em arranha-céus com vista para o mar. Para quem está pensando em usufruir ou investir, o vendedor avisa que a construtora já está planejando o lançamento de novos edifícios cujos apartamentos terão lareiras e piscinas térmicas para uso dos moradores. No Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a corrida imobiliária está em pleno andamento.

3.4. Viver da natureza (explorador de pedreira)

Nino tem 20 anos. Ele nasceu e cresceu num vilarejo que fica no entroncamento de duas estradas, entre o morro e as lagoas. Mas, sua vontade não era a de passar o resto de sua vida por ali. Morou um tempo em Caxias do Sul, depois, em São Paulo, onde experimentou a carreira de jogador de futebol. Nino explica que a carreira de jogador não foi adiante em razão de uma contusão mas, também,

porque ele decidiu voltar para casa para ajudar o pai, que se vira sozinho para tocar o negócio da família. Afinal, como filho mais moço de uma família de origem italiana, essa era a sua obrigação.

É com um ar orgulhoso que Nino mostra seu local de trabalho, a pedreira, que é arrendada por seu pai. Nela, trabalham oito pessoas, extraindo pedras e transformando-as em saibro que é usado em construções. A quantidade de pedra que é possível extrair da pedreira depende, segundo Nino, dos limites dados pela Fepam. Segundo seus cálculos, esses limites devem ser atingidos daqui a alguns poucos anos. Quando isso acontecer, será necessário solicitar nova autorização que, se não for concedida, inviabilizará o negócio.

Nino não esconde sua vaidade diante do espanto que a visão da cratera cavada na pedra provoca nos visitantes. A grandiosidade das dimensões de tudo o que envolve a atividade da extração de pedras (a altura dos penhascos, a desproporção entre o tamanho dos blocos de pedra e das máquinas e o tamanho dos homens que usam sua força braçal para manipulá-los) provoca em quem as percebe, um inevitável sentimento de admiração pela ousadia e capacidade humanas. Além disso, o domínio do conhecimento necessário para lidar com as máquinas, com os explosivos, com os veios de rocha que devem ser identificados e respeitados, e o risco real envolvido nesse tipo de atividade fazem com que ela incorpore necessariamente um significado de enfrentamento e de prova de bravura que transparecem no orgulho disfarçado dos homens que apresentam seu trabalho aos visitantes.

É o que acontece com Nino, quando ele descreve o processo de extração da pedra e pede aos trabalhadores que façam demonstrações. Mas, na verdade, Nino também deixa muito claro que não acha que trabalhar em uma pedreira seja uma boa opção de vida. Seu desejo, diz, era ser um fotógrafo. Gostaria de poder fazer fotos da natureza, dos bichos. Ali mesmo, na região em que vive, teria muitas coisas interessantes para serem fotografadas. Nino fala com entusiasmo do que

pode ser visto no mato, nas trilhas que sobem o morro, e já se oferece como guia para uma futura excursão até lá.

Outro sonho não totalmente assumido, transparece em seu relato sobre um tio que, há alguns anos, mora na Itália. Orgulhoso, Nino conta que o tio trabalha como mecânico de carros da fórmula 1. Diz, também, que gostaria de poder visitá-lo mas não se atreve nem a pensar no assunto, pois não teve a sorte de aprender a falar italiano em casa, como aconteceu com o tio. Além disso, ele tem o pai para cuidar, justifica.

A casa em que Nino mora com o pai parece confortável e bem cuidada. Ela fica bem em frente à pedreira, do outro lado da estrada. Em uma casa próxima, moram a irmã e o cunhado de Nino, Gilmar.

Gilmar possui uma madeireira que funciona ao lado de sua casa. Enquanto mostra sua parreira carregada de uvas maduras, ele explica que trabalha com madeira de pinho e eucalipto. As toras são compradas de plantadores que as trazem de longe. Gilmar corta e prepara a madeira que é vendida para ser usada na construção civil, ali, no próprio litoral.

Gilmar conhece bem a região onde mora. Ele é capaz de contar a história de cada um dos lotes de terra que circunscrevem a lagoa que pode ser avistada a partir do seu local de trabalho. Gilmar sabe quais eram os limites de cada terreno, sabe contar quem comprou qual pedaço de quem, e quando e porque o negócio foi realizado. Segundo Gilmar, essas terras não valem muito porque as pessoas não as fazem produtivas. Não se dão ao trabalho de fazer mais do que colocar algum gado e deixá-lo ali pastando.

Gilmar comenta que nos últimos anos tem havido mais investimentos em turismo e em sítios de lazer na região, mas ele não confia muito na continuidade desse processo em razão das informações que obteve sobre a nova estrada que está sendo planejada. Segundo Gilmar, essa estrada deverá passar por dentro de um

túnel que será cavado por baixo da serra, desviando o tráfego que atualmente circula pela região e, conseqüentemente, diminuindo o interesse por ela. Além disso, Gilmar se preocupa pelo fato de que a conclusão da nova estrada deverá impedir o funcionamento das pedreiras da região (como a explorada por seu sogro e cunhado), um vez que as explosões colocariam em risco a estrutura do túnel.

3.5. Natureza como projeto de vida (grupos ecológicos)

Situada na parte central de um vale muito verde, o que se sobressai na visão da pequena cidade é a igreja, cujo tamanho parece absolutamente desproporcional em relação ao número de casas do lugar, que podem ser vistas, quase todas, de um único relance.

Em frente à igreja, diversos estabelecimentos comerciais vendem produtos variados: agrícolas, material de construção, alimentos, bebidas, etc. Dentre eles, há uma lanchonete que pode ser identificada pelo cartaz que, colocado na calçada, anuncia hambúrgueres, sanduíches e refrigerantes. A lanchonete tem um balcão que dá direto sobre a calçada. Ao lado desse, uma porta dá acesso a uma sala repleta de mesas de bar. Nas paredes, em vez do material promocional dos produtos à venda (como acontece nos outros estabelecimentos) encontramos quadros decorativos e fotos artísticas. No balcão, diversos folhetos com material informativo e de divulgação sobre o meio ambiente e sua preservação ficam disponíveis para quem quiser ler e levar.

Quem nos atende na lanchonete é uma jovem que, assim como o rapaz que se pode observar trabalhando na cozinha, tem uma aparência totalmente destoante em relação aos habitantes do lugar. Enquanto atende os clientes, a moça explica que não é nativa da região. Junto com o marido e dois amigos, foi para lá há poucos anos, com o objetivo de se instalar no sítio que pertencia à família de um

deles. O projeto do grupo era viverem em comunidade num lugar tranqüilo, junto à natureza.

A jovem conta que o início da vida na região foi muito difícil, pois foi necessário muito trabalho pesado para tornar habitável a casa onde moram e para limparem o terreno que, abandonado, fora tomado pelo mato. Apesar de plantarem alguns alimentos para consumo próprio, sua proposta não passa pela dedicação à atividade agrícola como meio de subsistência ou como fonte de renda. Para viver, eles se dedicam a atividades (artesanato, confecções de roupas) cujos produtos são comercializados na cidade (inclusive na Capital), o que não os impedem de morar na zona rural. Além disso, a chegada de um bebê, há alguns meses, fez com que o casal buscasse mais uma alternativa de renda na instalação da lanchonete, recém inaugurada.

Eles não são os únicos que vieram de fora para tentar um modo de vida alternativo. Na região, existem outros grupos que têm a mesma intenção. Um deles é conhecido e identificado por todos os locais em função de suas opções em termos de hábitos de vida, das atividades econômicas que desenvolvem e pelos fatos de sua relação com a população estar calcada em uma proposta de militância ecológica. Eles moram em um local bastante isolado, de difícil acesso, onde a energia elétrica ainda não chegou. Só utilizam técnicas consideradas “orgânicas” para plantar os alimentos que consomem e vendem, e têm tido uma atuação direta em projetos de educação ambiental levados a cabo na região.

Esse tipo de experiência de vida alternativa tem uma grande visibilidade entre os moradores locais. Mas isso não se dá em função do tamanho da população nela envolvida, pois tratam-se de pequenos grupos que são formados por, no máximo, meia-dúzia de pessoas. O que acontece é que essas experiências são levadas a cabo por indivíduos, em geral jovens, que migraram da cidade para a zona rural, trazendo com eles um padrão de comportamento e de valores bastante diverso dos habitantes locais, muito embora, em quase todos os casos, a existência de um laço familiar com moradores locais (pais, avós, tios que ali vivem ou viveram

na região) seja a principal explicação para escolha daquele espaço como local ideal para iniciar a nova vida.

Quem se propõe a viver de forma alternativa são pessoas de classe média, com uma vivência totalmente urbana, um bom nível de escolaridade e, não raro, com uma formação superior em áreas do conhecimento diretamente voltadas para a temática ambiental (biólogos, agrônomos, etc.). Sua visibilidade frente à população local deve-se, sobretudo, ao fato delas chegarem munidas de uma ideologia altamente crítica em relação ao modo de vida urbano e ao padrão de relacionamento que a cultura ocidental moderna estabeleceu com a natureza, e exercendo, quase sempre, uma militância explícita e constante a partir dessas posições.

3.6. Natureza como alternativa de lazer (campistas e freqüentadores de hotéis-fazenda)

Em contraste com as propostas de vida alternativas e de militância ecológica, podemos encontrar pessoas que também freqüentam a região do Litoral Norte em busca do contato com a natureza, só que com motivações que se baseiam em outras visões e propostas: as possibilidades de lazer.

Algumas dessas pessoas se dispõem a vir de muito longe para apreciar uma paisagem verde cuja vegetação parece ainda intacta. Para tomar banho de rio em recantos relativamente isolados, para aproveitar o estilo de vida pacato de um ambiente rural, ouvir o silêncio, usufruir da ausência dos estímulos e pressões que dominam a vida nos centros urbanos. Elas gostam de animais, adoram andar no meio do mato e tomar banho nas lagoas. Elas também se preocupam muito com a poluição, com o desmatamento e com a contaminação das águas pelos agrotóxicos ou causada pelas próprias populações que as utilizam.

Apesar de tudo isso, essas pessoas não abrem mão de todos os equipamentos que consideram necessários ao seu conforto, algo cujos significado pode variar muito de grupo para grupo. Assim, na zona rural ou nos vilarejos do interior do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, podemos encontrar sítios de lazer e casas de veraneios dotados de todos os aparelhos comumente presentes nas casas das famílias de classe média urbana (televisão, telefone, forno de micro-ondas, ventilador, máquina de lavar roupa, etc).

Existem pessoas que preferem ter um contato ainda mais estreito com a natureza. São as que se instalam em hotéis-fazenda ou nos inúmeros campings que existem na faixa litorânea gaúcha.

Nos hotéis-fazenda, o apelo mais evidente é o da possibilidade da experiência virtual de convivência com o universo rural tradicional, oferecida aos hóspedes através de uma paisagem que é cuidadosamente trabalhada para funcionar como um cenário que conta com a presença de animais típicos do universo campeiro (em alguns casos, misturados com animais exóticos ou ornamentais); da exibição e da possibilidade de participação direta em atividades que simulam o trabalho produtivo (ordenha, cuidado dos animais). O que buscam os hóspedes desses hotéis é o contato com o mundo rural, sem a obrigação do convívio com o lado incômodo desse tipo de vida, isto é, sem dependerem nem terem que assumir nenhum compromisso com a manutenção de uma fazenda e de seus animais, ao mesmo tempo em que usufruem dos serviços que encontrariam em qualquer hotel urbano.

Já nos campings, o atrativo maior pode estar no fato de serem alternativas relativamente baratas de alojamento para veranistas. Mas isso não vale para todos, pois no Litoral Norte há lugares que oferecem (e cobram por isso) uma infra-estrutura muito sofisticada e cara (luz elétrica, banheiros, restaurantes, bares, piscinas, canchas de jogos, marinas, etc.).

Além disso, as pessoas que freqüentam campings com regularidade costumam carregar consigo um arsenal de equipamentos capazes de fazer com que a vida ao ar livre se torne bastante dispendiosa e muito parecida com a que se leva no interior de uma residência convencional. Elas são capazes de levar para o acampamento, desde a mobília (camas, mesas, cadeiras), os eletrodomésticos (fogão, geladeira, televisão, aparelhos de som, e até mesmo máquinas de lavar roupa) e um arsenal de equipamentos esportivos (bicicletas, pranchas de surf, barcos, motos, jetskis, etc.).

Muitas pessoas também costumam instalar-se diretamente em casas móveis, que podem custar tanto quanto uma casa fixa e já vêm totalmente equipadas (em alguns casos, até com aparelho de ar condicionado e antena parabólica). É o que se pode constatar ao visitar os inúmeros estacionamentos para motor-homes existentes na região.

Mesmo quando é feito em simples barracas, o camping não é sinônimo de vida selvagem. Em geral, os locais utilizados para a instalação dos acampamentos são terrenos onde, em lugar da flora natural da região, encontramos gramados bem cuidados ou terrenos muito limpos, que ficam sob a sombra de árvores que foram plantadas de forma muito ordenada, exatamente com esse objetivo. Além disso, o espaço em volta delas é muito bem cuidado para impedir o crescimento de arbustos ou plantas rasteiras. Da mesma forma que nas casas de veraneio, nos acampamentos, os habitantes utilizam todas as alternativas disponíveis para afastar os animais considerados perigosos ou desagradáveis (mosquitos, cobras, ratos, morcegos).

Mais do que o contato com a natureza, a maior atração que um camping pode oferecer é a convivência. Há famílias que organizam excursões que chegam a contar com 30 ou mais pessoas. Amigos se agrupam em comboios compostos de muitos carros, arrumam reboques e até mesmo pequenos caminhões para transportarem tudo o que necessitam para passar alguns dias dormindo, comendo e fazendo festas juntos, em baixo das árvores.

Como em qualquer condomínio, em praticamente todos os campings há normas que regulam essa convivência. Em alguns, elas se limitam à definir horários de silêncio obrigatório. Em outros, extensos e meticulosos regulamentos estabelecem, desde as formas com que os hóspedes devem lidar com o lixo, até regras relacionadas com questões relativas à segurança. Como bem expressa um amante do campismo e antigo freqüentador de campings do Litoral Norte gaúcho (mas que sempre passa uma parte do verão no litoral de Santa Catarina): “o verdadeiro campista é aquele que gosta da convivência mas sabe respeitar a privacidade dos outros”.

3.7. A terra e os homens (pequenos proprietários rurais)

Bento nasceu e se criou na região, trabalhando na lavoura com o cultivo da banana e hoje mora nas terras que conseguiu comprar há dez anos. Nos anos cinqüenta, seu pai que sempre foi muito pobre, trabalhava de “jornal” como ele diz, ou melhor, sendo pago por jornada de trabalho no mesmo terreno do qual Bento é agora proprietário. Antigamente, o que o pai ganhava num dia, gastava no dia seguinte com a doença da mulher que sempre teve muitos problemas de saúde. Como único filho homem, Bento sempre teve que trabalhar para ajudar o pai.

Descendente de colonos de origem alemã, seus avós mantiveram suas tradições, falando e rezando em alemão. Naquela época, tudo era muito precário, sem conforto, cozinham no chão e usavam acolchoados com penas de galinha, não havia estradas. Seus avós paternos residiam num lugar mais distante de onde mora atualmente, Bento cita como referência a figueira que já existia naquela época. Os camponeses da região que cultivavam a cana-de-açúcar, tiveram que mudar para a cultura da banana com a queda do preço no mercado.

Quando se chega na região, a primeira impressão que se tem ao ver a estrada de chão, com muitos buracos e barrancos, é de isolamento e solidão. Mas hoje a

vida é diferente, a casa nova de alvenaria que Bento construiu fica na frente da estrada onde passam vários ônibus por dia, com destino a Osório, Torres e Porto Alegre. Mostrou com orgulho os vários cômodos, banheiro, cozinha com azulejos, equipada, pedindo desculpas pela desordem e explicando que sua mulher estava ausente. Fez também questão de mostrar o forno de tijolos feito para cozinhar pão e biscoitos de forma tradicional que a esposa vendia para as pessoas de fora, o que sempre ajudava na economia da família. Com seu trabalho na terra, Bento conseguiu construir também uma outra casa na praia para que sua esposa e filhos pudessem desfrutar do verão no litoral, enquanto ele diz preferir trabalhar durante a semana na colheita da banana.

Dos treze irmãos de seu pai, muitos já falecidos, poucos ficaram na região e alguns foram para Caxias, Osório ou ainda Porto Alegre. Na época, saíram em busca de uma vida melhor, pois passavam dificuldades. Antes era mais difícil, agora é mais fácil plantar banana, pois existe muito tratamento, adubo, a prefeitura dá uma mão para fazer estradas. Explica porque só planta banana:

A banana dá toda a vida, é um tipo silvestre, plantou uma muda, ela vai sozinha...

Apesar da facilidade evocada por Bento no cultivo da banana, ele explica que sai de manhã cedo, almoça na roça e só volta à noite, pois tem que ensacar a banana cacho por cacho para protegê-la do frio no inverno. É preciso colocar adubo, de tipo orgânico frisa bem, mas também veneno para bicho. Afirmo que quase todo mundo coloca veneno, não em exagero, mas para dar uma cor bonita. Se a banana não tiver uma cor bonita, dificilmente será vendida no mercado.

Para Bento, o trabalho na lavoura comporta certos perigos, como o de encontrar marimbondos, aranhas e serpentes venenosas. Bento relata com orgulho a maneira como o pai sentia o cheiro de cobra, sabia reconhecer e evitar os perigos da vida em contato com a natureza, lembrando com precisão o local onde havia acontecido, em cima de uma pedra próximo a uma vertente. Como a banana é cultivada no alto do morro, na encosta, quando chove, as cobras descem o morro

e saem de debaixo das pedras para se esquentar no sol preferindo se abrigar dentro do saco da banana. Diz que nunca foi mordido por cobra, que sabe reconhecer quando uma cobra está braba, pronta para dar o bote, afirma que viu uma que tinha dois metros de bote. Bento enumera sem cessar os diferentes bichos e perigos que existem nos morros, mas afirma que se for matar todos, não conseguirá fazer mais nada.

A natureza na época de seus avós era selvagem, mas aos poucos decidiram derrubar tudo para plantar. Acredita que a proibição de derrubar árvores é uma boa medida, pois na falta delas, não haveria mais passarinhos, lagartos, tucanos e até lobos guará que chamam de graxaim. Como exímio protetor da natureza, Bento vai até o ponto de afirmar que acha que é mais crime derrubar uma árvore do que matar uma pessoa.

Bento considera que a vida no campo é boa e tranqüila. No que diz respeito à segurança, afirma que fecha a porta de sua casa à noite unicamente por causa de sapo, porque para ladrão não precisa. Diz que quando aparece gente de fora, de passagem, o pessoal fica vigiando, porque todo mundo se conhece e que não existe muita malandragem por lá.

O filho mais velho concorda com o pai e diz que não tem vontade de ir para muito longe, que a cidade de Torres onde cursa a faculdade é calma e grande o suficiente, como ele gosta. O pai demonstra orgulho do rapaz e conta que, além de estudar, ele também trabalha como estagiário na prefeitura da cidade mais próxima. Várias vezes insiste em nos convidar para visitar a plantação de banana de perto, mas calçados de maneira adequada, pois caso contrário seria muito perigoso. E para provar que se sentiu honrado com nossa visita e interesse, propõe também convidar o prefeito da cidadezinha para nos receber da próxima vez.

3.8. Medicina natural (ação sócio-educativa alternativa)

O encontro com as senhoras da farmácia de ervas medicinais foi marcado para as 14 horas de uma quinta-feira na antiga escola da cidade, fundada há mais de oitenta anos.

Estavam presentes Dona Marina, Dona Ana, Dona Lavinia e Bete, uma jovem bióloga e professora na cidadezinha ao lado, juntamente com outras duas senhoras, uma delas acompanhada de sua filha e residente em Caxias do Sul. Uma vez por semana, estas senhoras se reúnem para preparar elixires e remédios a fim de combater os mais diversos males desde uma simples gripe ou ainda uma diarreia, colesterol, diabetes, menopausa e até mesmo câncer. Existiriam cerca de sessenta e cinco farmácias como esta espalhadas por todo o Brasil, ligadas ao movimento de mulheres, tendo como base ensinamentos de um pequeno livro carinhosamente chamado de “Manual das Bruxinhas” e que teria sido redigido por uma freira contendo receitas com quantidade e tipo de ervas necessárias para fabricar as “poções mágicas”. Na região, haveria em torno de duzentas famílias que se beneficiam dos remédios e elixires feitos pelas “bruxinhas”, como elas mesmas se denominam.

Em sua própria horta, Dona Marina planta algumas ervas medicinais (cidró, boldo do Japão, pitanga, louro, mangerona, carqueja, erva-cidreira), mas explica que a idéia é plantá-las na horta da antiga escola, o que ainda não foi possível porque os “guris” arrancam, estragam tudo. Conta que existe um projeto para que o prédio da escola seja tombado e assim será mais fácil organizar a produção dos remédios e organizar as outras atividades como o curso de costura ou as massagens que acontecem periodicamente.

Enquanto Bete, a jovem bióloga, preparava repelentes misturando vaselina com citronela e cravo, Dona Marina e as outras senhoras enchiam os bocais com ervas e cachaça, o álcool mais barato que dispõem. Depois de alguns dias, estes

bocais, enrolados num papel escuro, poderão ser abertos e as ervas servirão como medicamentos. Dona Marina descreve o uso dos remédios pela população local:

No posto de saúde, eles não usam os nossos remédios, os médicos não são daqui, mas tem alguns que quando não têm remédio, mandam o pessoal para cá, para nossa farmácia.

Dona Marina, que tem 67 anos, vive com seu filho mais velho numa casa simples de alvenaria num terreno que compreende um grande jardim e uma horta. Viúva há três anos, ela tinha acabado de perder sua mãe que faleceu com mais de 90 anos ; com os olhos cheios de lágrimas contou que perdeu também o filho mais novo quando a moto que dirigia chocou-se contra um caminhão na Br-116. Três mortes em três anos não apagaram portanto a simpatia e a hospitalidade com a qual Dona Marina nos recebeu.

A casa onde mora Dona Marina está situada na frente de uma estrada de chão que liga dois municípios, próximos da Br-101. Atrás da casa, existe um rio que é muito frequentado pelos sobrinhos e primos e até mesmo pelo cão da família. O acesso ao rio é feito por uma descida coberta de árvores de onde se destacam um imponente bambu e alguns palmitos. Em 1970, os pais de Dona Marina resolveram vender as terras onde seus avós tinham ido residir desde que chegaram do sul da Itália por volta de 1870. Optaram por morar perto da estrada, pois o lugar escolhido por seus avós era muito isolado, sem escola e ficava constantemente cortado do mundo a cada vez que havia uma enchente.

Para entrar na casa de Dona Marina, tem-se que atravessar um portão de ferro que dá para um jardim, com varias espécies de plantas e flores, tudo muito bem cuidado, limpo como ela faz questão de dizer, sem folhas na grama que ela mesma corta. Nos mostra com orgulho o fícus, as orquídeas, as bromélias e os palmitos, que retirou da mata, mesmo sabendo que é proibido por lei, pelo IBAMA explica.

Dentro da casa, encontramos a mesma ordem e o capricho na cozinha, cujo elemento central é um fogão à lenha, branco com flores coloridas que parece novo de tão bem cuidado. Mas segundo Dona Marina, o fogão é velho e está cinza de tanta sujeira, explicando que é muito difícil limpá-lo. Diz que cozinha no fogão à lenha, mas que também usa o fogão a gás quando está com pressa.

À esquerda do portão de ferro na entrada da casa de Dona Marina, encontra-se uma horta formada por um grande terreno onde seu sobrinho Zezinho planta feijão de vagem, tomate, sem colocar veneno esclarece, radici, mandioca, alface, entre outros legumes. Dona Marina explica que a horta já foi bem maior no passado, mas que agora é muito trabalho para uma pessoa sozinha.

Apesar de ser viúva e de ter perdido três pessoas da família num curto espaço de tempo, Dona Marina diz que combate a solidão mantendo-se ocupada com as atividades da farmacinha de ervas medicinais, cultivando o jardim, cuidando da própria casa, e deixa bem claro que não pretende deixar o campo e ir morar na cidade junto com suas filhas:

No apartamento de minha filha em Porto Alegre no Menino Deus, me sinto numa gaiola, nos fundos tem um outro prédio e me sinto como se estivesse presa numa gaiola.

Ao acompanhar os visitantes à casa de sua falecida mãe, situada no outro lado da estrada, Dona Marina faz questão de dizer que o jardim dela é muito mais bonito do que o seu. Ao longo do caminho, entre os campos cultivados por seu irmão e sobrinho, mostra que há muitas plantas que podem servir para fazer remédios e chás e que deve-se aprender a reconhecê-las. Alerta também para o perigo de colher plantas com veneno, pois é comum atualmente colocar veneno para matar as ervas-daninha.

Dona Lavinia também frequenta os encontros na farmácia artesanal. Mãe de oito filhos, seis dos quais nasceram de nascimentos gêmeos, Dona Lavinia tem um

total de dez netos. Casada com um agricultor, um dos únicos que ainda planta batata, aipim, feijão, milho, conta que para conseguir viver foi obrigada a arrendar a maior parte das terras que possui, já que seus filhos casaram e se mudaram para outras localidades. Há mais de quarenta anos a família foi obrigada a vender a terra onde morava, pois o governo decidiu construir uma estação agrícola no local.

Três de suas filhas trabalham juntas num “sacolão”, uma tenda de frutas e legumes, propriedade de uma delas em Capão da Canoa. Mas como nem sempre conseguem comprar todos os produtos que precisam vender na tenda, compram no mercado o que não conseguem comprar dos agricultores na região de seus pais.

Dona Lavinia diz que antigamente se tinha mais fartura e que, como havia muitas lavouras, os passarinhos comiam um pouquinho em cada lugar. Atualmente trabalhar na lavoura está cada vez mais difícil e é preciso colocar veneno para poder garantir a produção. Garante que lidar com veneno é pior e que antes as pessoas eram mais sadias.

3.9. Pescar para viver, pescar por lazer (pescadores)

José é morador de Porto Alegre no Bairro Belém Novo há quarenta anos. Sua família é de Torres e a de sua mulher do sul do Estado de Santa Catarina onde ainda tem parentes. Nestes anos todos, conseguiu comprar uma casa em Porto Alegre e dois apartamentos em Tramandaí, alugados o ano inteiro, verão e inverno, com a ajuda da mulher que reside em Tramandaí para cuidar dos imóveis. Mesmo fora do período do verão, ela consegue alugar para o pessoal que trabalha no comércio, super-mercados, farmácia.

Todos os dias de manhã e também pela tarde, José pega a lotação e vai pescar na ponte sobre o rio Tramandaí. Aposentado, faz várias vezes por dia, gratuitamente, o trajeto de lotação que o leva da casa à ponte. Ele pesca pelo

prazer de pescar, sem se preocupar muito com o resultado da pesca. Afirma que gosta mesmo é de encontrar a turma de conhecidos que, como ele, também pescam por prazer. José utiliza a área de pesca “esportiva” instalada pela Prefeitura ao lado da ponte. Com cuidado ele limpa o peixe que, apesar de pequeno, diz modestamente, vai ser frito pela mulher quando chegar em casa. O homem pesca e a mulher prepara o peixe.

Já para Ivo, a situação é diferente. É com orgulho que mostra os peixes, pequenos mas que dão para encher um prato de comida e diz até que vai fazer um espetinho com os camarões que conseguiu pescar. Ivo também se considera um pescador artesanal. Desde que se aposentou, decidiu deixar a mulher e as filhas em Porto Alegre para ficar morando na praia. Prefere viver longe da agitação da cidade e da família que, de vez em quando, vai visitá-lo. Acredita que é melhor ficar sozinho e que não trocaria por nada a tranquilidade da vida na praia.

É portanto difícil imaginar que os peixes possam ser atraídos e fígados na ponte sobre o rio Tramandaí que, repleta de pessoas, homens, mulheres, crianças, mais parece pronta para um dia de procissão. Os caniços estendidos lado a lado formam uma verdadeira orquestra que se caracteriza por uma cacofonia ensurdecadora de carros que passam nos dois sentidos da ponte que liga Tramandaí a Imbé.

José e Ivo fazem parte dos quase vinte mil sócios inscritos no Sindicato dos Pescadores de Tramandaí, dos quais em torno de quinhentos são considerados pescadores profissionais. Neste lista estão incluídas algumas mulheres chamadas de “marisqueiras”.

Perto do Terminal Marítimo, Armando é um dos poucos pescadores que ainda se mantém com a pesca, com muito esforço e diversificando suas atividades. Quando consegue pescar com tarrafa vinte tainhas numa mesma manhã, é somente graças à presença do boto, um dos muitos golfinhos que trazem cardumes de peixes e que ajudam a pesca local. As tainhas são vendidas

diretamente para os veranistas ainda presentes neste final de temporada. Sem os golfinhos, fica cada vez difícil conseguir o sustento através da pesca e é por esta razão que Armando colocou uma placa onde se lê “conserta-se tarrafa”. Os barcos de pesca ancorados próximos da orla conseguem pescar até sessenta quilos de peixe por dia, o que não é muito, se comparado com as várias toneladas que conseguiam no passado. Porém, Armando afirma que, como ele, muitos pescadores vivem da pesca e, mesmo com uma certa dificuldade, seus próprios filhos não pretendem fazer outra coisa.

Na ponta do rio, próximo ao Bairro da Barra, poucos são os jovens que pescam com caniço ou tarrafa, os únicos presentes se dedicam a mergulhos de cima da ponte interditada, enquanto outros passam com suas pranchas de surf em direção ao mar. Perto dali, há muitos carros estacionados em frente aos diversos quiosques, onde casais, algumas vezes com crianças, se instalam para desfrutar da pesca esportiva ou artesanal, beber cerveja ou ainda ensinar ao filho pequeno alguns gestos da pesca.

3.10. Somos todos iguais dentro da água (surfistas)

Carlos nasceu em dezembro e começou a freqüentar a praia com somente um mês de vida, pois sua mãe sempre passava o verão no litoral desde pequena, a casa da família tinha sido comprada pelo avô materno. A família segue a tradição e o período de verão na praia continua sagrado. Mas para ele, não é exatamente a mesma coisa, pois mesmo durante o inverno, não deixa de ir lá quase todos os fins de semana em busca das ondas, do mar onde consegue finalmente desconectar da cidade.

Atualmente com 25 anos, Carlos lembra das pescarias que fazia com seu pai, já falecido, e das longas caminhadas, momentos privilegiados quando conversavam sobre tudo. Quando pequeno, não tinha esta familiaridade que tem hoje com o oceano, lembrando que foi um amigo quem o iniciou no surf quando tinha 13

anos de idade. Faz questão de dizer que não aprendeu a surfar mas que está sempre aprendendo. Não acha que o surf seja um esporte perigoso, mas afirma que é preciso respeitar o mar, fala com ar sério:

Sei que posso entrar no mar, mas não sei se poderei voltar, o mar é mais forte do que eu. O mar muda todos os dias.

As condições nunca são as mesmas, tudo muda rapidamente, o vento, as ondas, a maré. Por isso, de manhã bem cedo muitas pessoas vão ao alto da colina, em cima das dunas, para observar o mar e escolher o melhor lugar para surfar, o lugar que tem melhores ondas.

Para Carlos, a praia no verão é um lugar agitado com gente demais. Mas a praia é também um lugar onde encontra tranquilidade, principalmente no inverno, quando, algumas vezes, passa um fim de semana inteiro sozinho sem falar com ninguém. Sabe que poderia fazer a mesma coisa em Porto Alegre, mas diz que o que faz a diferença é a natureza, o mar, as ondas, as colinas de onde se pode ver o horizonte até muito longe.

Considera que o surf é um pouco como uma droga, quando a gente começa não consegue parar, tem que voltar sempre no dia seguinte. Quando os dias são favoráveis, Carlos fica na praia o dia todo, mas não fica na areia, senta na prancha e espera a chegada das ondas a cada 10, 15 minutos, junto com os outros surfistas. Explica que o surf não é somente um esporte, uma diversão. É sobretudo um momento para pensar, refletir, falar com os amigos. Esse é um dos segredos do surf, acha que tem coisas que não encontra em lugar nenhum, por exemplo o fato de que todos são iguais dentro da água, em cima das ondas, não existe diferença de idade, classe social, tudo desaparece naquele momento e todos se tornam iguais.

Para ele, paradoxalmente, os veranistas que realmente gostam da praia são uma minoria, acredita que muitos passam o verão no litoral porque os familiares,

amigos, deixam a cidade e se mudam para a praia. Todo o mundo faz a mesma coisa, ninguém é autêntico em sua opinião. O mesmo acontece com alguns surfistas, acabam levando má fama, pois se sentem obrigados a fazer como os outros, fumar maconha, falar uma gíria própria, etc. Mas acha que isso pode mudar com o tempo pois, cada vez mais, as pessoas se interessam pelo surf.

Acredita que com o tempo, como acontece na Austrália, pessoas de todas as idades, mulheres também, vão aprender a surfar e o surf se tornará um esporte mais comum, como é o caso no litoral carioca e paulista onde existem escolinhas de surf para crianças de famílias pobres. Um pouco como já acontece com os filhos de pescadores que moram no litoral o ano todo e que começam também a praticar o surf.

4. ANÁLISE

“Com efeito, não se faz nenhuma antropologia sem que o etnólogo estude como as sociedades geriam, pensavam, classificavam seu meio-ambiente.” (Lévi-Strauss, 1975 apud Latour et al., 1998)

Em todas as sociedades os seres humanos criam categorias para pensar, classificar, gerir e atribuir valor a si próprios e ao mundo que os cerca. Essas categorias podem variar muito de uma sociedade para outra mas, em todas elas, devem oferecer respostas satisfatórias a questões fundamentais tais como a da definição da fronteira entre “nós” e “os outros”, o que geralmente significa definir quem ou o que é considerado “humano” e quem ou o que é considerado “não-humano”.

À primeira vista, essa distinção pode parecer óbvia e clara, mas ela se torna menos nítida quando lembramos que, há pouco mais de um século, as sociedades de cultura européia incluíam os índios na categoria “natureza”, e os africanos, na categoria “mercadoria”, ambas fazendo parte da classe dos “não-humanos”.

Numa situação mais próxima de nossas vivências cotidianas, podemos identificar a presença de dúvidas ou ambigüidades quanto aos limites que separam o universo do “humano” do “não-humano” nas discordâncias, cada vez mais comuns em nossa sociedade, em relação ao tratamento que deve ser dado aos animais considerados de estimação. Ou, ainda, e de numa forma mais dramática, nas questões éticas implicadas na manipulação de material orgânico de origem humana. Afinal, órgãos, tecidos, células ou genes devem ser tratados como pessoas ou como coisas?

O que essas questões revelam é que as fronteiras entre o que é considerado “humano” e o que é visto como “não-humano” são extremamente diversificadas e

dinâmicas, e que isso acontece não apenas quando consideramos sociedades diferentes, mas, também, no interior de uma mesma sociedade, dependendo do grupo social focado, e a dimensão da vida que for levada em consideração.

Para compreendermos melhor como isso ocorre, podemos começar pela análise do senso comum vigente em nossa própria sociedade, isso é, pelas categorias que comumente usamos para pensar a nós mesmos e o mundo. Em nosso senso comum, encontramos uma série de categorias que se apresentam sob a forma de oposições derivadas diretamente da dicotomia “humano” X “não-humano”. Vejamos algumas delas:

HUMANO	NÃO-HUMANO
CULTURA	NATUREZA
DOMÉSTICO	SELVAGEM
ARTIFICIAL	NATURAL

Como na lógica do totemismo, decifrada por Lévi-Strauss (1976), podemos ler esse quadro da seguinte forma: o “não-humano” está para o “humano”, assim como a natureza está para a cultura; os seres selvagens (animais, plantas e até pessoas) estão para os seres domesticados; e o que é considerado natural, para o que é considerado artificial.

O que o quadro mostra é que os seres humanos classificam a si mesmo e o mundo através de categorias que só possuem significados porque se apresentam relacionadas com outras (em relações de identidade ou de oposição) e, ainda, que esse significado pode ser transferido para outros pares

de oposições, através do desdobramentos das categorias e de deslizamentos semânticos.

Assim, se transferirmos a lógica e o sentido que presidem a formação dos pares de opostos apresentados anteriormente para outras dimensões da nossa vida social, encontraremos novos pares formados por categorias que compartilham muitos dos significados da primeira oposição, embora não sejam totalmente equivalentes a elas. Por exemplo:

HUMANO / CULTURA DOMÉSTICO / ARTIFICIAL	NÃO-HUMANO / NATUREZA SELVAGEM / NATURAL
URBANO	RURAL
MODERNO	TRADICIONAL

O que aparece nesses desdobramentos são significados que podem ser lidos da seguinte maneira: o que é considerado rural ou tradicional está mais próximo do que é considerado natural, selvagem e, mesmo, “não-humano”, do que aquilo que for considerado como fazendo parte do mundo urbano moderno (que estaria mais próximo do que é produzido artificialmente, cultivado ou domesticado pelo homem).

Essas associações não significam que tudo o que se encontra no mundo rural ou que for associado às sociedades tradicionais seja necessariamente classificado como natural, selvagem ou “não-humano”. Significa apenas que o que for identificado como fazendo parte desses universos tende a ser visto como estando mais próximo, ou sendo mais facilmente associado a esses significados (natural, selvagem, “não-humano”) do que aquilo que for identificado como compondo o universo urbano e moderno.

Não se trata, portanto, de conteúdos essenciais e fixos. As categorias não significam nada isoladamente. Elas só fazem sentido porque estão relacionadas

umas às outras. Um bom exemplo disso pode ser encontrado na maneira como um habitante da cidade considera seu jardim. Por mais artificial que ele seja (alvo de um planejamento paisagístico, cultivado com plantas exóticas cuidadosamente ordenadas e constantemente podadas), o jardim será visto como um espaço próximo da natureza, se pensado em relação ao contexto urbano.

Se, por outro lado, observarmos um jardim típico da zona rural da região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, teremos a impressão inversa, pois o que perceberemos é que esse espaço constitui a parte mais artificial e domesticada da paisagem. Como no universo urbano, na zona rural, os jardins também são cuidadosamente trabalhados, só que com a intenção expressa de fazer deles espaços absolutamente distintos da paisagem natural. Em geral, o terreno é completamente limpo (a terra fica sem cobertura), todas as plantas de crescimento espontâneo são arrancadas e, em seu lugar, são colocadas plantas ornamentais que obedecem a uma ordem espacial muito rígida. São escolhidas plantas cujo formato e colorido fazem com que elas se distingam totalmente da vegetação da região (daquilo que é considerado mato, sujeira), e testemunhem o cuidado e a habilidade do jardineiro que as mantém. (fotos N_19A, X_16)

Tudo depende, portanto, do que está sendo colocado em foco em cada momento, e das categorias que estão sendo utilizadas para a classificação. Além disso, é necessário considerar que a definição das categorias e de suas fronteiras nunca se restringe a uma questão exclusivamente de raciocínio intelectual, de conhecimento e de classificação pois, como defende o antropólogo francês Louis Dumont (1966), a classificação é sempre uma questão de valoração, ou seja, diferenciar e ordenar o mundo implicam necessariamente em atribuir valores, em hierarquizar (se identificamos as coisas como diferentes é porque pensamos que uma é mais importante, mais bonita, mais correta ou melhor do que a outra).

Isso significa que, quando se procura entender as representações e valores culturais que orientam as relações que as populações de uma determinada região estabelecem com o meio-ambiente, além de identificarmos quais são as

categorias que as pessoas utilizam para classificar aquilo que, para nós, é visto como fazendo parte do meio-ambiente, temos também que tentar identificar e compreender quais os valores que estão sendo associados à essas classificações.

Um exemplo: do ponto de vista de um morador da cidade, os agricultores vivem num universo que se encontra mais próximo da natureza. Do ponto de vista do habitante urbano, essa proximidade pode ser considerada como algo positivo, mas apenas se ele estiver associando a idéia de vida rural à de vida saudável, ao lazer, à tranqüilidade, ao ócio. Se, ao contrário, ele associar sua visão de vida rural à idéia de isolamento, perigos, de falta de conforto e de recursos, o valor atribuído à proximidade com a natureza será negativo. Nesse caso, a vida na cidade será vista como melhor ou superior à vida rural; e a vida no campo será considerada boa somente na medida em que se aproximar das qualidades atribuídas à vida urbana (opções de convivência e de lazer, de acesso a serviços, a recursos tecnológicos, etc.).

No sentido inverso, se tomarmos a vida de um agricultor, só que, desta vez, avaliada do ponto de vista de um grupo de militantes ecológicos, podemos esperar que ela seja considerada melhor ou superior à vida urbana, na medida em que for associada à idéia de uma vida mais natural (no sentido de não-artificial), mais simples, autêntica, e, por tudo isso, mais saudável e correta do ponto de vista da ideologia ambientalista. Mas isso deverá acontecer apenas enquanto os militantes não entrarem em contato mais estreito com o agricultor, pois talvez se perturbem ao saber que ele faz todo o possível para colocar barreiras bem definidas entre o seu espaço (humano, doméstico) e o universo do “não-humano” (não domesticado, selvagem) pois, segundo seu ponto de vista, além de suja, a natureza é cheia de ameaças e perigos. Os militantes ecológicos também podem se desapontar ao saberem que o agricultor pensa que a instalação de uma fábrica na região (o que a tornaria mais urbana, moderna) ou que a mudança definitiva para a cidade significam melhores opções de vida para seus filhos. Podem, ainda, entrar em conflito aberto com o agricultor ao saberem

que, de boa vontade, ele utiliza vários tipos de agrotóxicos em suas plantações, com a justificativa de que não poderia sobreviver plantando de outra maneira.

Todos esses exemplos servem para deixar claro que, embora ocupem um mesmo espaço, e mesmo quando desenvolvem atividades semelhantes, as pessoas podem ter visões bastante diferentes e utilizar critérios muito diversos para avaliar os elementos que compõem aquilo que, nesse trabalho (e na literatura científica), é chamado de meio-ambiente.

E mais, que um mesmo indivíduo pode ter percepções e avaliações diferentes e aparentemente incoerentes entre si, dependendo da dimensão da vida que for colocada em foco e do quadro classificatório que ele acionar ao buscar compreendê-la e avaliá-la.

A identificação das dimensões enfocadas, e a compreensão das lógicas que ordenam o quadro classificatório utilizado para pensar e avaliar o meio-ambiente a cada momento deverão auxiliar no esclarecimento de mal-entendidos e de aparentes contradições presentes nas falas, nas práticas e nos posicionamentos das pessoas que foram alvo desse estudo. É o que veremos nas configurações que serão analisadas a seguir.

4.1. Configurações

4.1.1. O meio-ambiente como fonte de lazer

Para se compreender os significados e os valores que são atribuídos ao meio-ambiente quando ele é pensado a partir da dimensão do lazer, é preciso se levar em conta que esses significados e valores estarão subordinados às categorias que constituem a própria noção de lazer.

Assim, quando buscamos as razões que fazem com que uma família mantenha e freqüente uma casa ou apartamento em um balneário do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, podemos encontrar justificativas muito variadas mas, praticamente, todas elas podem ser enquadradas em algumas das oposições apresentadas no quadro abaixo, no qual as categorias que compõem a coluna da direita são vistas como positivas ou superiores em relação às categorias da coluna à esquerda:

HUMANO/CULTURA DOMÉSTICO/ARTIFICIAL URBANO/MODERNO	NÃO-HUMANO/ NATUREZA SELVAGEM/NATURAL RURAL/TRADICIONAL
VIDA DE CIDADE GRANDE	VIDA DE CIDADE PEQUENA
CANSAÇO/ESTRESSE	DESCANSO/ÓCIO/TRANQUILIDADE
TRABALHO/OBRIGAÇÕES/ROTINA	ATIVIDADES LÚDICAS/ PASSEIO/ESPORTE
ISOLAMENTO/MASSIFICAÇÃO	CONVIVÊNCIA FAMILIAR/ CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA
FORMALIDADE	INFORMALIDADE

Vai-se para a casa da praia porque se quer fugir da agitação e da rotina da vida urbana; porque se quer esquecer das obrigações do mundo do trabalho, ter tempo e espaço para conviver com os familiares, com os amigos; para descansar; para poder relaxar na observância das regras formais de convivência social (na praia, não é necessário arrumar-se para sair de casa; pode-se visitar os amigos sem avisar previamente); para poder expor-se e observar os outros (os corpos expostos na praia; a intimidade da vida familiar que se apresenta à todos através das grandes janelas e nas varandas das casas).

Dentre as razões que levam as pessoas a passarem os verões nas praias do RS dificilmente encontraremos a busca de um contato mais próximo com a natureza. Não há dúvida de que a maioria delas gosta estar ao ar livre, de ver-se rodeada de plantas. Mas, em geral, os espaços livres das casas e/ou edifícios são quase

desprovidos de vegetação ou possuem jardins tão artificiais quanto os que encontraríamos na cidade (com plantas ornamentais exóticas, gramados e árvores cuja sobrevivência exige um esforço extremo e contínuo, realizado, quase sempre, por empregados). No interior das casas (mas também nos jardins), é bastante comum encontrarmos plantas artificiais que, cada vez mais perfeitas, não ficam nada a dever no desempenho de sua principal função, que é a de decorar o ambiente, sem exigir os cuidados das plantas naturais, sobretudo, fora da temporada de férias. (fotos ZD_12, ZD_13, ZD_19, ZD_16, V_05)

Quando se observa as formas com que as pessoas se relacionam com áreas abertas ou públicas, pode-se perceber que a natureza só tem valor na medida em que desempenhar exclusivo papel de paisagem a ser apreciada. É mais apreciada ainda, na medida em que a área for objeto de um trabalho de “urbanização” que retire da paisagem tudo o que ela tiver de incômodo, perigoso ou desordenado.

Os locais públicos serão considerados mais bonitos, melhores ou mais interessantes, na medida em que forem organizados, ajardinados e dotados de uma infra-estrutura que ofereça aos freqüentadores todos os confortos da vida urbana (caminhos calçados, banheiros, proteções contra o sol, bancos para sentar, segurança, venda de objetos de consumo, bebidas, alimentação, etc.). (fotos ZC_27, J_34, E_04, K_07, ZC_18)

Para os veranistas, a natureza também pode ser considerada um elemento positivo na medida em que servir como instrumento para a prática de esportes (surf, jetski e demais esportes náuticos) e para a pesca. Mas o que faz com que essas atividades sejam consideradas lazer é justamente o fato das pessoas poderem praticá-las de forma voluntária, esporádica e utilizando-se de todos os equipamentos disponíveis para minimizar os riscos e os desconfortos que a natureza pode proporcionar (plataformas de pesca, guarda-sóis, equipamentos). Quem for obrigado a treinar algum tipo de esporte náutico ou quem depender da pesca para sobreviver certamente não classificará a natureza com as mesmas

categorias nem a julgará da mesma forma. Nesse caso, a natureza deverá ser vista como fonte de cansaço, de estresse, de rotina, de desgastes e perigos.

A pesca esportiva é um exemplo claro de uma prática na qual a relação com natureza tem um sentido eminentemente simbólico. Quando o pescador é bem sucedido, o produto da pesca é visto como troféu, como prova da habilidade e da persistência do pescador. Poder preparar e oferecer o produto de sua própria pescaria é, por sua vez, experimentar o sentimento (e não o fato) de se ser capaz de garantir a própria sobrevivência. Mas, para um número significativo de pessoas, a obtenção dos peixes (independente dos significados a eles atribuídos) não é o objetivo principal da pesca. Para elas, os resultados que essa atividade pode produzir servem apenas de justificativa para a sua prática. O que elas procuram na pescaria são momentos de lazer, de relaxamento e distração, a possibilidade de apreciar a paisagem e de convivência com outras pessoas. O resultado da pesca, quando acontece, é visto, em muitos casos, como um problema a ser resolvido (devolver os peixes à água ou doá-los para alguém). (fotos B_11, ZG_24, ZO_17, ZN_22, ZH_18, ZH_10)

Já no espaço da praia, o que chama a atenção não são os elementos naturais. O que mais se vê num dia de sol nos balneários mais freqüentados é o aglomerado de guarda-sóis, barracas, cadeiras e mesas. E, para a maioria dos veranistas, uma praia é considerada boa de se usufruir exatamente na medida em que permitir a utilização desses equipamentos, e, melhor ainda, quando possuir quiosques com serviços de bar e restaurante, quando tiver canchas de jogos, banheiros, chuveiros, telefones públicos e, nas praias mais equipadas, atividades de lazer organizadas e orientadas por profissionais (ginástica, dança, campeonatos, recreação para crianças). Para muitos veranistas, a música também é considerada um elemento essencial, seja ela oferecida por um ponto comercial ou providenciada pelos próprios freqüentadores, que concorrem entre si pela exibição do melhor equipamento de som e pela apresentação da melhor seleção musical. (fotos ZL_08, ZL_12, ZL_04, C_30, ZK_08, ZK_14, ZC_07)

As pessoas vão para a praia para estarem juntas, para brincar com os filhos, para conversar, para namorar, para verem e serem vistas. O mar, o sol, a areia e o vento fazem parte do cenário, mas só são bem-vindos na medida em que não atrapalham o principal: o exercício do lazer e da sociabilidade.

Essa mesma lógica pode ser reconhecida na observação dos freqüentadores dos campings e hotéis-fazenda existentes na região do litoral. Na realidade, a diferença que existe entre eles e os demais veranistas é apenas de grau. Os campistas e apreciadores da vida rural estilizada com certeza não desejam conviver com um ambiente tão claramente urbano como o que se encontra nos balneários, mas isso não significa que eles se proponham a conviver com o que há de selvagem ou não domesticado no meio-ambiente. (fotos T_19, T_20, P_24, P_09, P_16, O_33, O_31, P_12)

Como podemos ver, nas representações das pessoas que freqüentam o litoral gaúcho em busca do lazer, o meio-ambiente entra como cenário ou, no máximo, como figura coadjuvante, que é avaliada positivamente somente na medida em que se apresentar domesticada, ajardinada, urbanizada, enfim, quando for suficientemente controlada e/ou transformada para que se subordine ao usufruto dos seres humanos.

4.1.2. O meio-ambiente como condição de vida

O meio-ambiente pode ser pensado como uma condição de vida quando ele se constitui como elemento que condiciona a existência de determinadas pessoas, como é o caso da terra para os camponeses ou pequenos proprietários rurais. A forma como os homens e mulheres do meio rural estabelecem relações entre si e, em particular, com a terra revela significados e valores próprios ao universo camponês. (fotos W_15, D_22, D_25, J_27)

A existência de um elo permanente entre o meio-ambiente e o ser humano é claramente perceptível nas relações estabelecidas no mundo rural. Em contraste com o mundo urbano, apresentamos no quadro abaixo algumas das características da vida no campo que podem ser percebidas como positivas por seus habitantes na medida em que fazem parte do estilo de vida rural ou ainda negativas, quando estas não correspondem às exigências do mundo moderno.

HUMANO/CULTURA DOMÉSTICO/ARTIFICIAL URBANO/MODERNO	NÃO-HUMANO/ NATUREZA SELVAGEM/NATURAL RURAL/TRADICIONAL
ANONIMATO / MASSIFICAÇÃO	IDENTIDADE / VIDA COMUNITÁRIA
DESENRAIZAMENTO	TRADIÇÃO
SOFISTICAÇÃO / FORMALIDADE	SIMPLICIDADE / INFORMALIDADE
TECNOLÓGICO	ARTESANAL
CONFORTO/RECURSOS	PRECARIEDADE
ALTERNATIVAS NO MUNDO DO TRABALHO	ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA
SUBMISSÃO	AUTONOMIA

Segundo Woortmann (1990), podemos entender a relação que liga o camponês à terra como sendo essencialmente de ordem moral ou seja, a terra é um patrimônio da família, graças ao qual se constrói a casa, onde se cria o espaço de vida da família, onde nada pode se opor ao bem-estar e à comunhão da terra com o homem. (fotos W_15, D_26, G_17)

Na tradição camponesa, o meio-ambiente é parte constitutiva da origem de cada um, cujas raízes se encontram na terra e se consolidam no trabalho da lavoura e nas relações de troca de serviços. Neste sentido, quando o camponês tem que se

identificar, dirá provavelmente que é de tal lugar, fazendo referência à localização das terras que possui. A terra é o patrimônio de um conjunto que engloba os mortos, os vivos e os que virão a nascer. Ainda hoje, vender a terra constitui uma traição à casa paterna e aos antepassados. (foto W_37)

O trabalho na terra, tradicionalmente transmitido de pai para filho, representa bem mais do que uma simples atividade econômica de sobrevivência ; ele surge como um destino, sob a forma de uma herança a qual nem todos têm a possibilidade de recusar. Aqueles que permanecem ligados à propriedade paterna o fazem por obrigação, ou ainda por falta de perspectiva. Outros partem em busca de novos horizontes, porém raros são os que retomam o caminho de volta com ou sem o pretendido sucesso. A medida que desaparecem os parentes pela idade avançada, doença ou acidente, aumenta também a sensação de isolamento, de solidão e até mesmo de abandono por parte dos que partiram para a cidade, universo de desenraizamento onde os laços familiares se desfazem. (fotos D_32, G_35, L_02)

Ao contrário do anonimato das cidades, a vida rural é sinônimo de vida comunitária, onde todos se conhecem porque fazem parte da mesma família ou grupo de parentesco ou ainda ao se tornarem cunhados, genros e até mesmo compadres, a partir de alianças que possibilitam muitas vezes aumentar a propriedade rural.

A vida no campo pode ser considerada positiva, pois é vista como uma vida mais tranqüila e natural (no sentido de não-artificial). Ela é definida pela simplicidade de seu estilo de vida onde certos comportamentos e práticas se destacam como, por exemplo, a maneira de receber ou de se apresentar ao outro, de se vestir, de falar, o fato de não obedecer aos mesmos códigos sociais da cidade e até mesmo viver com a casa “aberta”.

Por outro lado, em contraste com a vida urbana caracterizada pela sofisticação, conforto e o consumo de bens materiais, o modo de viver camponês pode ser

igualmente assimilado à precariedade, à falta de recursos econômicos e a conseqüente impossibilidade de acesso aos bens de consumo. (foto M_15)

O meio-ambiente pode também servir de base terapêutica na ausência de recursos médicos em zona rural. Certas associações do tipo sócio-educativa criam alternativas para o tratamento de doenças, através do cultivo de ervas medicinais nas hortas pertencentes às famílias de camponeses o que resulta na fabricação de remédios e elixires à base de plantas. (fotos L_14, L_35, L_17, L_21, L_30, M_25)

A região rural, caracterizada pela presença de vales e montes cobertos de vegetação nativa, pode também ser valorizada pelo fato de possuir nascentes e rios que podem ser utilizados para irrigação e até mesmo lazer, comprovado pela existência de campings-balneários construídos próximos a pequenas cidades. (fotos M_10, M_07, W_11, D_07)

Um exemplo da representação da natureza domesticada enquanto paisagem são os jardins das casas das famílias camponesas. Esses são apreciados na medida em que permanecem limpos e ordenados, sem que possam ser confundidos com a natureza, selvagem e desordenada. (fotos X_22, X_30)

Nas representações e valores culturais que orientam as relações que os camponeses estabelecem com o meio-ambiente, a vida no campo pode ser considerada como negativa por seu isolamento e pela falta de conforto e recursos. O meio-ambiente também pode ser percebido como uma fonte de ameaças e perigo no que diz respeito à presença de certos animais como, por exemplo, serpentes e aranhas-caranguejeira. (foto ZA_15A)

A medida em que as condições de vida se modificam, o trabalho na lavoura tem que se adaptar a novas demandas tecnológicas e econômicas. A adaptação às exigências de produção leva os camponeses a usarem agrotóxicos em suas

plantações com a justificativa de que não poderiam sobreviver plantando de outra maneira. (foto D_09)

No campo, a falta de alternativas de trabalho juntamente com o distanciamento com os centros urbanos acarreta frustrações motivadas pela significativa estagnação econômica. Desta forma, é compreensível o interesse pela instalação de uma fábrica na região, o que possibilitaria novas oportunidades de trabalho na falta de melhores opções de vida. (fotos X_11, Y_03)

Quando comparado com o trabalho na cidade, a condição camponesa pressupõe a autonomia e o controle do tempo, criando o princípio de liberdade que é assegurado pelo trabalho da família. Neste sentido, a permanência no campo pode ser vista positivamente como uma alternativa ao mundo do trabalho assalariado, onde o camponês é seu próprio patrão e decide seus turnos e horários. Poder dispor de seu próprio tempo, ter a liberdade de realizar o trabalho para si em lugar de trabalhar para o outro, no tempo do outro são características do modo de viver camponês, não admitindo um controle externo. (fotos ZA_19A, ZA_24A)

A submissão a uma lógica externa do trabalho assalariado ou de organizações coletivas tais como cooperativas, somente é tolerada na medida em que pode fornecer recursos que garantam a manutenção da propriedade sob o controle da família.

4.1.3. O meio-ambiente como fonte de riquezas

As relações dos seres humanos com o meio ambiente também podem ser de apropriação e exploração. É o que acontece quando a natureza é vista e manipulada como mercadoria, como fonte de renda e de lucro. Nesse caso, os sentidos e valores que as pessoas atribuem ao meio ambiente estarão subordinados à lógica que ordena as categorias apresentadas no quadro abaixo:

HUMANO/CULTURA DOMÉSTICO/ARTIFICIAL URBANO/MODERNO	NÃO-HUMANO/ NATUREZA SELVAGEM/NATURAL RURAL/TRADICIONAL
DINAMISMO	ESTAGNAÇÃO
LUCRATIVIDADE/ CRESCIMENTO ECONÔMICO	SUBSISTÊNCIA BAIXA PRODUTIVIDADE
DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO SOFISTICAÇÃO	OBSOLESCÊNCIA/ATRASSO PRECARIIDADE
INTEGRAÇÃO/COMUNICAÇÃO	ISOLAMENTO
LIBERDADE/ESTÍMULOS OPORTUNIDADES/DIVERSIFICAÇÃO	POUCA AUTONOMIA/RESTRICÇÕES LIMITAÇÕES/FALTA DE OPÇÕES

Para quem tem como fonte de renda ou lucro a atividade da mineração, da extração da madeira ou da pesca profissional, o meio ambiente é percebido como capital econômico cujo valor dependerá de seu potencial para a produção de mercadorias que serão vendidas no mercado (pedras, areia, madeira, peixes, etc.). (fotos W_04, W_05, V_32, T_03, G_37, R_31, R_34, S_19, Y_26)

A diferença entre a lógica da subsistência e a da lucratividade é o que explica o fato aparentemente contraditório da existência de pescadores artesanais que conseguem sustentar a família com a sua atividade, ao lado de pescadores

profissionais que, necessitando bancar e remunerar o capital empregado em equipamentos de grande porte (barcos, redes, equipamentos de refrigeração) e na remuneração de seus empregados, vêm-se em situação econômica precária e sem perspectivas. A mesma fonte natural (o mar) que pode ser vista como suficiente, ou mesmo pródiga, é vista como restritiva ou esgotada, conforme a lógica que dá sentido à sua exploração. (fotos ZM_14, B_21, E_09, ZB_36A)

Para tornar a natureza lucrativa sob a forma de produtos (agrícolas, artesanais) ou sob a forma de aluguel do usufruto do espaço de lazer (campings, hotéis-fazenda) é necessário expô-la ao público consumidor. Nesse sentido, quanto maior a proximidade e/ou integração com os pólos dinâmicos da sociedade, melhor (o mundo urbano, o público com poder aquisitivo e com motivação para o consumo, etc.). Para isso, a proximidade ou o acesso a meios de transporte eficientes, e a existência de canais de divulgação e comunicação com o público são fundamentais, e o isolamento, um fator limitante. (fotos B_23, B_18, ZE_24A, ZE_36A, Y_21, Y_20, Y_08, R_26)

O domínio da tecnologia também é um fator decisivo para definir o desenvolvimento ou a estagnação econômica de um empreendimento ou de uma região; e a preocupação ou obrigatoriedade de preservação do ambiente natural pode significar uma ameaça à produtividade e à lucratividade de um empreendimento.

O isolamento também pode ser o fator de estagnação econômica na medida em que ele limita as oportunidades de obtenção de renda por parte da população. Nesse sentido, viver próximo aos pólos dinâmicos da economia (regiões industriais, pólos de crescimento urbano) ou ver-se cercado de uma população ávida de produtos (restaurantes, comércio) e serviços (cozinheiras, faxineiras, babás, jardineiros, encanadores, zeladores, caseiros, etc.) pode ser uma questão decisiva para a sobrevivência. É por isso que, para boa parte da população que mora permanentemente na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, o estabelecimento de fábricas, o crescimento do consumo, a especulação

imobiliária e a invasão anual dos veranistas são vistos como fatores positivos, pois significam empregos, clientes, oportunidades. (fotos ZE_10A, ZC_17, ZB_37, ZM_12, ZK_17, ZN_29, ZL_37)

O meio-ambiente também pode ser fonte de lucro especulativo, mas isso só acontece na medida em que ele for considerado um bem escasso em razão de sua localização privilegiada em relação a elementos naturais já urbanizados ou controláveis (a praia, a lagoa, a paisagem) ou em razão de sua proximidade ou facilidade de acesso a ambientes urbanos socialmente valorizados (centro da cidade, locais considerados bem freqüentados, bem servidos de equipamentos e serviços).

De acordo com essa lógica os elementos naturais só têm valor econômico quando o acesso a eles pode ser vendido no mercado porque apresentado sob a forma de espaços construídos pelo homem e que oferecem a natureza domesticada, integrada ao conforto, à diversidade e sofisticação do mundo urbano moderno. O que é considerado “mato” ou simplesmente “um monte de areia” não é vendável; os espaços que estão submetidos a restrições em razão de políticas de controle ambiental têm pouco valor; porém os terrenos virgens e arborizados mas devidamente urbanizados e, principalmente, acessíveis (“há poucos minutos de todos os serviços e facilidades dos centros urbanos”) são raros e muito valiosos no mercado. Mais ainda, se forem apresentados como uma rara possibilidade de isolamento e de contato íntimo com a natureza, o meio-ambiente sob medida. (fotos Q_17, Q_06, V_11, ZF_05, I_31, I_09)

Dentro da lógica da economia capitalista, o meio ambiente só pode ser fonte de riqueza se ele estiver integrado aos setores dinâmicos da sociedade; se ele for um fator de diversificação de oportunidades de lucro e de renda, e se houver uma atitude de desprendimento por parte das populações envolvidas em relação aos laços identitários e afetivos que são tradicionalmente estabelecidos com os lugares e as comunidades de origem. Isso significa aceitar a migração, a mudança de local de moradia e de ofícios; aceitar fazer das terras ou da casa da

família um espaço público (hotel, pousada ou camping); aceitar vender a casa da praia em que a família veraneou durante décadas para que ela seja demolida para a construção de um edifício.

4.2. A visão ecológica

As configurações apresentadas até então podem ser consideradas como variantes da matriz constitutiva do pensamento que se tornou dominante nas sociedades ocidentais nos últimos séculos (no período que se convencionou chamar de modernidade).

Apesar da diversidade das categorias e conteúdos que essas variantes podem comportar, podemos perceber a existência de uma mesma lógica e de um mesmo critério de valoração que as ordenam. Assim, a partir dos grandes processos que propiciaram o desenvolvimento do conhecimento científico, da urbanização, do predomínio do sistema econômico capitalista, da industrialização, nas sociedades ocidentais passaram a predominar as idéias de que tudo o que for associado ao universo humano, ao mundo da cultura, dos processos e produtos artificiais, ao urbano, ao moderno, ao mais produtivo, desenvolvido, lucrativo, confortável, eficiente, etc. seria considerado melhor quando comparado ao que é associado à natureza, ao universo selvagem, ao mundo rural, às práticas e saberes tradicionais e a todos os conteúdos relacionados a essas noções (o improdutivo, a estagnação, o atraso, o isolamento, a precariedade).

Podemos representar a lógica desse pensamento através do quadro abaixo:

POSITIVO +**NEGATIVO -**

HUMANO	NÃO-HUMANO
CULTURA	NATUREZA
DOMÉSTICO	SELVAGEM
ARTIFICIAL	NATURAL

Por trás dessas valorações está a idéia de que a natureza é hostil, perigosa, que deve ser temida, dominada e domesticada pelo homem, sendo ao mesmo tempo uma fonte inesgotável de recursos e riquezas a serem explorados.

Como pudemos verificar a partir dos dados recolhidos nessa pesquisa, as representações ordenadas pela lógica descrita acima ainda são amplamente dominantes. No entanto, elas já convivem e dialogam com representações ordenadas por uma lógica que vem se desenvolvendo em nossa sociedade há poucas décadas: a lógica do pensamento ecológico.

Como demonstra Bruno Latour (1998), logo após as crises que produziram o surgimento dos movimentos e da ideologia ecológica (década de 60), em questão de poucas décadas a nossa sociedade passou a ver a natureza como algo frágil e finito, que deve ser preservado e protegido (fotos ZF_09, ZF_07, ZB_04).

“Os filmes sobre os ursos, os peixes, os macacos, não nos mostram mais uma natureza selvagem e inquietante que se trataria de domar, mas de vidas complexas e inteligentes que se trata de proteger contra o maior perigo de todos, isto é, nós mesmos, os humanos. A selvageria e a barbárie passaram para o outro lado”. (Latour et al. 1998. p. 96)

Essas mudanças no imaginário social inverteram a lógica que presidia a valoração até então dominante. No pensamento ecológico, a natureza passou a

ocupar o polo positivo, enquanto que o universo humano passou a ser visto como negativo porque destruidor do meio ambiente.

NEGATIVO -	POSITIVO +
HUMANO	NÃO-HUMANO
CULTURA	NATUREZA
DOMÉSTICO	SELVAGEM
ARTIFICIAL	NATURAL

Mas, como bem lembra Latour, essas mudanças se deram no plano do humano, ou seja, não foi o meio ambiente, mas os seres humanos que mudaram a sua maneira de pensar a respeito da sua relação com a natureza. Isso quer dizer que são os seres humanos, e não os animais, as plantas, ou os ecossistemas, que estão em disputa entre si, em razão das diferentes visões acerca do meio-ambiente. Isso significa que essas disputas nunca são totalmente objetivas ou neutras.

“O que era inteiramente domínio do inumano tornou-se ocasião de uma nova guerra civil entre os homens, o novo ponto em torno do qual giram nossas disputas.” (Latour et al. 1998. p. 97)

Um outro aspecto fundamental dessa mudança é que ela ocorreu e se disseminou a partir dos setores mais avançados e dinâmicos de nossa sociedade, se pensarmos em termos de desenvolvimento econômico, científico, tecnológico, grau de urbanização, nível educacional, etc. Apesar disso, em suas versões mais ingênuas, as práticas baseadas numa proposta ecológica tendem a ignorar suas origens e idealizar as visões e práticas tradicionais, vendo-as como testemunhas e guardiãs de um saber “ecologicamente correto”. Essas são, sem sombra de dúvida, a fonte de frustração e de desencantamento por parte de muitos militantes que se dispuseram a experimentar formas de vida alternativas em termos ecológicos. Também é a razão para o descrédito com que muitas propostas são recebidas pelas populações, mesmo quando bem intencionadas.

Isso significa que, apesar de inverter os sinais da oposição humano/cultura/doméstico/artificial X não-humano/natureza/selvagem/natural no plano da valoração moral (negativo X positivo), o pensamento e a ação ecologicamente orientados não podem prescindir do polo negativo da equação, ou seja, eles serão viáveis como produtores de novos significados e valores somente na medida em que conseguirem equacionar a esfera do não-humano como o humano.

Toda vez que os discursos e as propostas ecológicas vão na direção da negação do polo humano (de suas necessidades, de suas conquistas e do imperativo de atribuir significados e valores) ou tomam a forma da busca de um passado imaginário idealizado (de um momento em que a humanidade teria sido “naturalmente ecológica”), eles se vêem desacreditados ou tornam-se meros chavões que são repetidos mecanicamente, sem que haja uma real mudança nas representações, valores e práticas sociais das populações. (fotos C_34, ZI_08, ZK_15, E_10, Q_16, F_14)

5. CONCLUSÃO

Como podemos ver nos perfis e na análise acima apresentados, as populações que ocupam o Litoral Norte do Rio Grande do Sul não definem suas vidas exclusivamente a partir de sua relação com o meio-ambiente. Pelo contrário, é somente a partir da compreensão da inserção social e cultural dessas pessoas que se pode compreender os significados e valores que o meio-ambiente possui para elas.

A compreensão desses significados e valores se torna possível na medida em que se identifica qual o código cultural (ou quadro classificatório) que as pessoas acionam, a cada momento, para identificar e atribuir valores a elas mesmas e ao mundo em que vivem.

O propósito dessa pesquisa foi o de identificar e interpretar as lógicas que ordenam alguns dos quadros classificatórios que as populações que ocupam o Litoral Norte do Rio Grande do Sul utilizam para pensar e avaliar e se relacionar com o meio-ambiente.

O reconhecimento da existência da diversidade dos quadros classificatórios (códigos culturais) e a compreensão de suas lógicas específicas deverá facilitar o diálogo com essas populações e, sobretudo, auxiliar no estabelecimento de relações que promovam sua efetiva participação e comprometimento com as políticas públicas de gerenciamento do meio-ambiente levadas a cabo na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA

BERNARD, Jean, KUGEL, Karl, LESAING, Bernard. *Trwa Kartié. Entre mythologies et pratiques*. Ile de La Réunion, Paris, Editions de La Martinière, 1994.

BONTE, Pierre; IZARD, Michel. *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*. Paris, PUF, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Un art moyen. Essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris, Ed. de Minuit, 1965.

CARVALHO, Isabel C. de Moura. *A Invenção Ecológica: narrativas e trajetórias de educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre, Ed. UFRGS. 2001.

COLLIER, J. Jr. *Visual Anthropology: Photography as a research method*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1967.

DAMATTA, Roberto. "Em Torno da Representação de Natureza no Brasil: pensamentos, fantasias, e divagações" In *Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

DUMONT, LOUIS . *Homo Hierarchicus: le système des castes et ses implications*. Paris, Gallimard, 1966.

GODELIER, Maurice. *L'idéal et le matériel: pensée, économie et société*. Paris, Fayard, 1984.

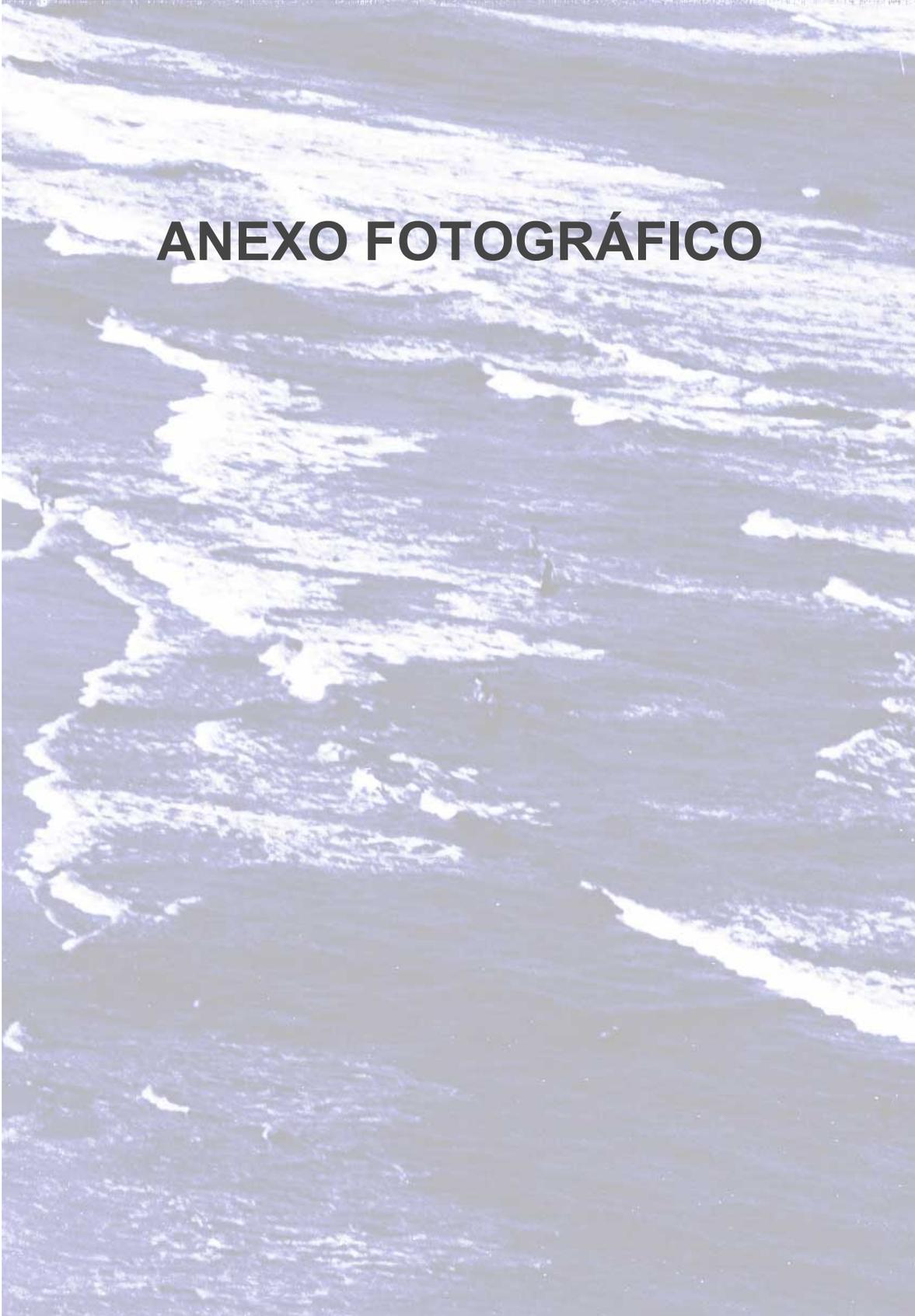
LATOUR, Bruno et. al. "Crises dos meios-ambientes: desafios às ciências humanas". In SEILER, Achin et. al. *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.

MESQUITA, Zilá. Do Território à Consciência Territorial. In MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) *Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. P. Alegre/Sta. Cruz do Sul. Ed. UFRGS/ Ed. UNISC, 1995.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Neguceia: o campesinato como ordem moral”. *Anuário Antropológico*. Brasília, n. 87, 1990.



ANEXO FOTOGRAFICO



B_11



B_18



B_21



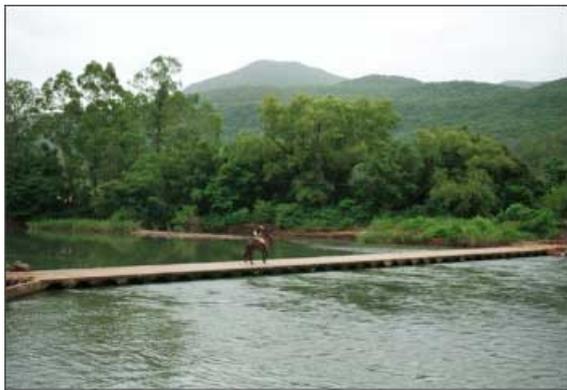
B_23



C_30



C_34



D_07



D_09



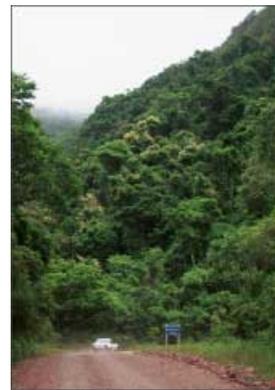
D_22



D_25



D_26



D_32



E_04



E_09



E_10



F_14



G_17



G_35



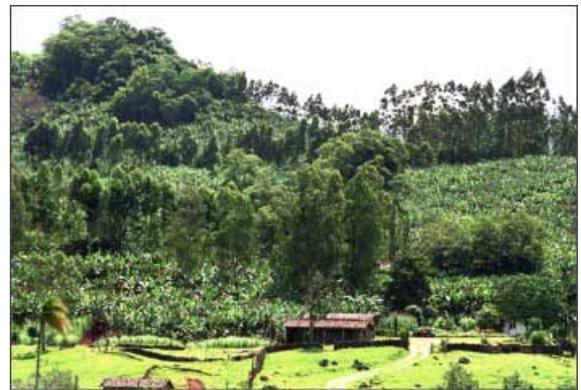
G_37



I_09



I_31



J_27



J_34



K_07a



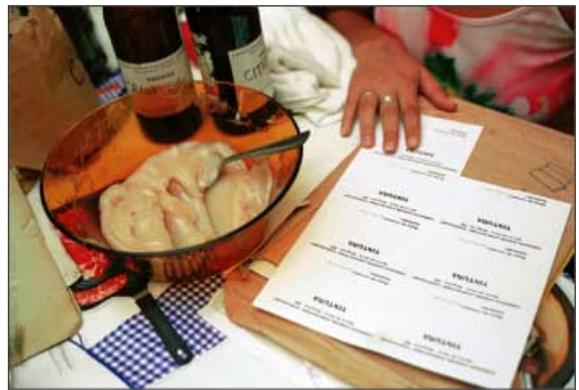
L_02



L_14



L_17



L_21



L_30



L_35



M_07



M_10



M_15



M_25



N_19a



O_31



O_33



P_09



P_12



P_16



P_24



Q_06



Q_16



Q_17



R_26



R_31



R_34



S_19



T_03



T_19



T_20



V_05



V_11



V_32



W_04



W_05



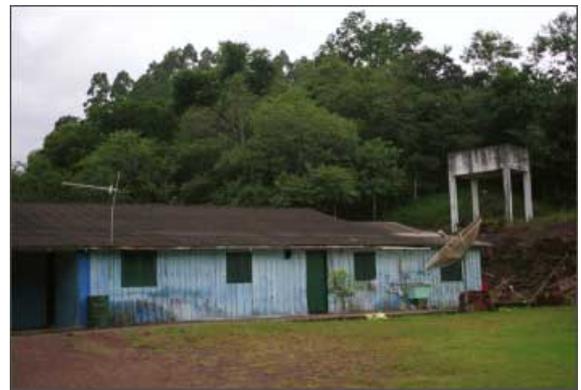
W_11



W_15



W_37



X_11



X_16



X_22



X_30



Y_03



Y_08



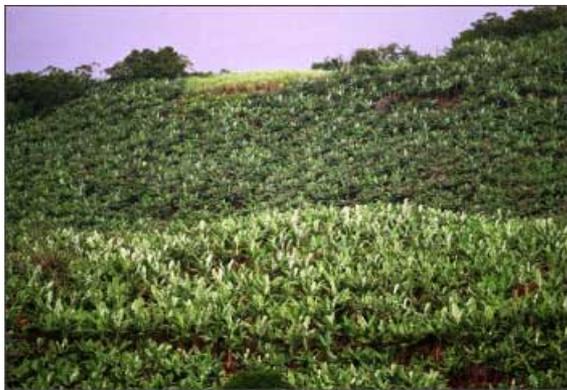
Y_20



Y_21



Y_26



ZA_15a



ZA_19a



ZA_24a



ZB_04a



ZB_36a



ZB_37a



ZC_07



ZC_17



ZC_18



ZC_27



ZD_12



ZD_13



ZD_16



ZD_19



ZE_10a



ZE_24a



ZE_36a



ZF_05



ZF_07



ZF_09



ZG_24



ZH_10



ZH_18



ZI_08



ZK_08



ZK_14



ZK_15



ZK_17



ZL_04



ZL_08



ZL_12



ZM_12



ZM_14



ZN_22



ZN_29



ZO_17

Legendas

B_11	Tramandaí	W_05	Maquiné
B_18	Tramandaí	W_11	Maquiné
B_21	Tramandaí	W_15	Maquiné
B_23	Tramandaí	W_37	Maquiné
C_30	Imbé	X_11	Maquiné
C_34	Imbé	X_16	Maquiné
D_07	Maquiné	X_22	Maquiné
D_09	Maquiné	X_30	Maquiné
D_22	Maquiné	Y_03	Santo Antônio da Patrulha
D_25	Maquiné	Y_08	Santo Antônio da Patrulha
D_26	Maquiné	Y_20	Santo Antônio da Patrulha
D_32	Maquiné	Y_21	Santo Antônio da Patrulha
E_04	Tramandaí	Y_26	Santo Antônio da Patrulha
E_09	Tramandaí	ZA_15a	Morrinhos do Sul
E_10	Tramandaí	ZA_19a	Morrinhos do Sul
F_14	Tramandaí	ZA_24a	Morrinhos do Sul
G_17	Maquiné	ZB_04a	Morrinhos do Sul
G_35	Maquiné	ZB_36a	Torres
G_37	Maquiné	ZB_37a	Torres
I_09	São Francisco de Paula	ZC_07	Torres
I_31	Morrinhos do Sul	ZC_17	Torres
J_27	Morrinhos do Sul	ZC_18	Torres
J_34	Torres	ZC_27	Torres
K_07a	Torres	ZD_12	Torres
L_02	Maquiné	ZD_13	Torres
L_14	Maquiné	ZD_16	Torres
L_17	Maquiné	ZD_19	Torres
L_21	Maquiné	ZE_10a	Torres
L_30	Maquiné	ZE_24a	Capivari do Sul
L_35	Maquiné	ZE_36a	Capivari do Sul
M_07	Maquiné	ZF_05	Pinhal
M_10	Maquiné	ZF_07	Pinhal
M_15	Maquiné	ZF_09	Pinhal
M_25	Maquiné	ZG_24	Cidreira
N_19a	Maquiné	ZH_10	Cidreira
O_31	Osório	ZH_18	Cidreira
O_33	Osório	ZI_08	Cidreira
P_09	Osório	ZK_08	Tramandaí
P_12	Osório	ZK_14	Tramandaí
P_16	Osório	ZK_15	Tramandaí
P_24	Capão da Canoa	ZK_16	Tramandaí
Q_06	Capão da Canoa	ZK_17	Tramandaí
Q_16	Capão da Canoa	ZL_04	Imbé
Q_17	Capão da Canoa	ZL_08	Imbé
R_26	Osório	ZL_12	Imbé
R_31	Osório	ZM_12	Tramandaí
R_34	Osório	ZM_14	Tramandaí
S_19	Osório	ZN_22	Tramandaí
T_03	Osório	ZN_29	Tramandaí
T_19	Maquiné	ZO_17	Tramandaí
T_20	Maquiné		
V_05	Capão da Canoa		
V_11	Capão da Canoa		
V_32	Maquiné		
W_04	Maquiné		